

A luta por uma Internacional revolucionária hoje

Fri, 24/09/2010 - 10:35

Apelo a debate sobre a convocação de uma conferência comum às organizações que manifestaram de seu acordo, que é a hora certa para tomar medidas no sentido da constituição de uma nova e revolucionária classe trabalhadora internacional

Camaradas,

A Liga para a Quinta Internacional endereça este apelo a debate às organizações que indicaram a intenção de apoiar a fundação de uma nova organização internacional da classe trabalhadora, uma nova Internacional, capaz de coordenar a resistência à ofensiva mundial das classes capitalistas contra os ganhos sociais, direitos democráticos e ambiente natural dos trabalhadores.

Concretamente, a necessidade de uma nova Internacional tem sido enfatizada por Hugo Chávez, que apela a uma Quinta Internacional. Este apelo tem atraído o interesse de um número de organizações socialistas na extrema esquerda que reconhecem que a construção de uma nova Internacional é uma tarefa urgente e não um projecto teórico, para um futuro distante.

A necessidade imediata de uma internacional revolucionária é fortemente representada pela acentuada ofensiva dos patrões contra os trabalhadores de todo o mundo. Os inimigos da classe trabalhadora atacam postos de trabalho, níveis salariais, bem-estar social, saúde, educação e direitos democráticos.

As classes capitalistas do mundo sobreviveram ao choque inicial da crise económica mais grave desde a Segunda Guerra Mundial, graças à fraqueza das lideranças trabalhadoras tradicionais. Agora, estão determinados a descarregar os custos da crise nos assalariados, reformados, desempregados e jovens.

Naturalmente, houve resistência, mas foi prejudicada pela fragmentação nacional e continental das forças de resistência. Na Europa, os governos da UE, liderados pela Alemanha, coordenaram uma campanha internacional de difamação contra os trabalhadores gregos, os agricultores e as classes médias mais baixas, acusando-os de indolência e de viverem além de seus meios. Jornalistas alargaram esta campanha de ódio à maioria das nações do sul do continente, descrevendo-os pela sigla repugnante "the PIGS" (Portugal, Itália, Grécia e Espanha) ou, em Português, ?os PORCOS?.

No auge da crise na Grécia, precisávamos claramente de um corpo que pudesse, e fizesse, mobilizar os trabalhadores da Alemanha, França, Grã-Bretanha, na verdade toda a Europa, contra este chauvinismo; que pudesse explicar que não eram os trabalhadores gregos mas os banqueiros da City de Londres, Frankfurt e Zurique e os bilionários dos mercados de títulos que organizaram a maior falcatura da história. Um corpo que dirigisse o ódio das massas contra eles. Não havia tal organização e agora os governos em todo o continente estão a tentar impor os seus próprios programas de austeridade, insistindo que os trabalhadores aceitem cortes enormes na função pública, ou sofram o mesmo destino da Grécia.

Qual é a rede, a organização, a liderança que conseguiria mobilizar a resistência da classe trabalhadora?

Uma internacional. Acreditamos que a crise capitalista global criou as condições em que a tarefa de criar uma nova Internacional revolucionária não mais pode ser adiada. É uma tarefa imediata, juntamente com a tarefa de construção de partidos revolucionários em cada país.

Acreditamos que a actual crise não é uma recessão cíclica ?normal?, mas marca a entrada do mundo num período em que o desenvolvimento do capitalismo tem por tendência geral o decréscimo - constituindo uma crise histórica do sistema como um todo, que obriga a burguesia a lançar um contínuo ataque à classe trabalhadora. Em geral, as retomas cíclicas serão superficiais; as recessões profundas e prolongadas. Rivalidades entre os poderes intensificar-se-á; situações pré-revolucionárias e revolucionárias, a ascensão de forças reaccionárias, guerras e catástrofes ambientais colocarão de forma cada vez mais categórica a necessidade de resolver a crise de direcção proletária, a necessidade de uma transformação socialista da sociedade.

É claro, continua a existir grande desigualdade, tanto entre os antigos redutos imperialistas e as emergentes potências mundiais, como entre os subdesenvolvidos, as economias semi-coloniais, algumas das quais vêem oportunidades para o crescimento, enquanto outras se afundam em dívidas e miséria. Nem o reconhecimento do carácter histórico da crise actual significa negar que haverá recuperações esporádicas e booms especulativos. O ritmo cíclico do desenvolvimento capitalista continua, mas de maneira esclerosada e dolorosa, com expansão de um país ou região remetendo crise a outra. Com o sistema como um todo movendo-se em trajectória descendente, a concorrência para diminuir despojos intensifica-se rapidamente.

A crise tem sido acelerada intensamente pelas contradições geradas pela globalização, dos últimos anos. Na Europa, somos confrontados com o desmantelamento dos nossos ganhos pós-guerra (o Estado-Providência) e no terceiro mundo lutamos contra uma nova rodada de dívidas e medidas de austeridade. Vemos o início de uma luta pela redivisão do mundo entre potências imperialistas em ascensão e declínio, ameaçando guerras regionais e fiduciárias e conflitos diplomáticos e económicos entre os países intensificarem-se. A isso deve ser acrescentado a probabilidade de cada vez mais graves catástrofes ambientais.

Acreditamos que a actual crise tem um significado especial porque, por trazer à tona eventos de contradições históricas no sistema capitalista, enfatiza a ideia básica articulada pelo Comintern revolucionário nos dias de Lenin e Trotsky: A época imperialista é uma época revolucionária, é a época do declínio e queda do capitalismo, e que, portanto, a realidade da revolução, da potencial luta pelo socialismo, toma lugar em cada episódio da luta de classes.

Nesse período, a intensificação da luta de classes conduz inevitavelmente à possibilidade de resultados revolucionários ou contra-revolucionários. Quando a questão do poder se coloca, a vitória da classe trabalhadora não é uma questão que possa ser deixada à dinâmica de um tipo de processo objectivo qualquer. Para a vitória, a classe trabalhadora precisa de uma estratégia correcta (um programa), de uma organização de combate de vanguarda (um partido) e uma luta de classes que construa novas ou renovadas organizações de luta pelas massas. Em última análise, nenhuma destas tarefas pode ser concluída em isolamento nacional.

Estes imensos desafios vão de encontro a um movimento mundial da classe trabalhadora, sobretudo, as suas organizações em massa, partidos e sindicatos, sem sequer o rudimentar de uma direcção revolucionária. Nem sendo isso simplesmente uma ausência, um vazio esperando para ser preenchido. As lideranças dos sindicatos existentes, dos partidos comunistas, socialistas e trabalhistas, são agentes do capital que, na melhor das hipóteses, não fazem ideia da alternativa ao capitalismo em crise e, na pior das hipóteses, visam impedir e desviar as lutas das massas militantes, que continuam a entrar em erupção,

apesar de tudo.

O período em que entramos agora, sem dúvida, apresenta grandes oportunidades, mas também grandes perigos. As oportunidades centra na possibilidade de ideias socialistas revolucionárias e a política poderem tornar-se novamente um fenómeno em massa, conquistando a verdadeira vanguarda militante da classe operária e de todos os oprimidos e classes exploradas e outras linhas que se tornam aliados naturais do proletariado.

Esta possibilidade, no entanto, só será realizada se os revolucionários desempenharem um papel de organização e politização internacionalmente - como Marx e Engels, Luxemburgo, Lenine e Trotsky fizeram nas últimas quatro internacionais. Nesta tarefa, não estamos a fazer do início, temos a herança de todas estas figuras históricas sobre cujos ombros devemos apoiar-nos. Em parte, estaremos dando continuidade ao trabalho dos anos revolucionários da Internacional que fundaram. No entanto, estaremos também abordando a evolução positiva ao longo dos últimos dez anos. No período de expansão da globalização, as forças do internacionalismo estavam claramente em marcha.

Os exemplos mais notáveis disto foram as mobilizações anti-capitalistas de Seattle a Génova, as mobilizações de massas na Venezuela, Argentina, México, Bolívia, e do movimento global contra a guerra de 2003, que, apesar de não deter a invasão e ocupação americana do Iraque, comprometeu significativamente o apoio popular à guerra e colocou limites a novos ataques. Da mesma forma, na Europa e na América Latina, as relações de solidariedade entre países resistindo a novas ofensivas capitalistas, imperialistas, económicas e militares, levaram a mobilizações em massa.

Estes desenvolvimentos têm-se manifestado em vários encontros, como os fóruns sociais mundiais e continentais, e, mais recentemente, no apelo emitido em Novembro/Dezembro pelo presidente venezuelano, Hugo Chávez, para uma quinta Internacional Socialista.

Um certo número de forças políticas em todo o mundo, em regra aquelas que têm estado activas nos diferentes movimentos anti-capitalistas, anti-imperialistas e anti-guerra dos últimos dez anos, têm respondido positivamente a este apelo. Estes incluíram várias correntes trotskistas, bem como organizações não-trotskistas e marxista-leninistas.

Diferentes graus críticos têm resultado deste apoio ao apelo de Chávez. Estes têm-se principalmente concentrado no perigo óbvio que esta Internacional esteja sujeita à política externa de um Estado capitalista (mesmo se de um Estado anti-imperialista) e as contradições de classe apresentadas no centro do ?socialismo boliviano?.

Nós partilhamos essas mesmas críticas. As contradições de classe na Venezuela são muito reais. Elas expressam, mais uma vez, o simples facto de que o socialismo não pode ser colocado em prática em qualquer sentido sem a expropriação da classe capitalista, a desconstrução das instituições do antigo sistema e a criação de Estados regidos pelo proletariado. A falta de democracia no PSUV, o declínio e a burocratização das misiones, e a reprovação de Chávez aos trabalhadores que lutam por aumentos salariais durante um período de inflação ascendente e condenação enquanto ?contra-revolucionários?, dá a exemplar advertência do que uma nova internacional seria se fosse construída em torno da sua visão reformista do socialismo e sob a sua liderança.

Se uma nova acordo internacional se parecesse com um renascimento burguês do Movimento Não-Alinhado, como Chávez tem sugerido ocasionalmente nos seus apelos ao regime iraniano e ao Partido Comunista Chinês, estaríamos num beco sem saída. Precisamos, antes, de uma nova classe trabalhadora internacional que lute pelo socialismo real e a derrubada final do capitalismo numa revolução.

Quer isto dizer que aqueles que desdenhosamente rejeitaram o apelo de Chávez, muitas vezes com críticas formalmente correctas ao seu registo e políticas, estavam correctos ao fazê-lo? Claro que não. Em primeiro lugar ignoram um facto simples: a classe trabalhadora precisa de uma internacional e não num futuro distante, mas agora, para responder aos enormes ataques lançados contra ela no contexto da actual crise. Se organizações de trabalhadores responderem positivamente a este apelo, seria o cúmulo do sectarismo recusar-se a dialogar com elas.

Em segundo lugar, se revolucionários se recusarem a participar em todas as iniciativas resultantes do apelo de Chávez isto tenderia de facto a garantir o resultado que eles mesmos dizem querer evitar: a formação de uma Internacional burguesa. Esse resultado seria certamente um crime contra a classe trabalhadora, especialmente se fosse coberto de bandeiras vermelhas de Lenine e Trotsky. Mas evitar este resultado exige que façamos algo.

Significa que não podemos pôr-nos passivamente à margem, dando a Chávez e companhia uma oportunidade de moldar uma internacional a seu gosto, mas sim intervir e lutar por um programa e política revolucionária internacionalista em toda e qualquer arena criada por esta nova iniciativa. É por isso que aceitámos o convite de Chávez, sem endossar o seu projecto, e razão pela qual assistiríamos a qualquer conferência internacional que organizasse. Se esta conferência pode desempenhar um papel positivo depende de quantas organizações responderem, quem são e o que fizerem em tal conferência.

A Quinta Internacional deve ser construída, mas sobre uma base revolucionária, que está em harmonia não somente com as áreas de concordância entre as organizações existentes, mas com as necessidades determinadas objectivamente para fazer avançar a luta de classes. É por isso que apelamos a todos os revolucionários e organizações das classes trabalhadoras para que se juntem a nós na luta para pela construção de fundações socialistas firmes para a nova internacional. A grande parte da vanguarda da classe operária, de momento lutando contra os selvagens programas de austeridade dos governos burgueses, precisa desesperadamente de uma rede de secções nacionais (partidos) e um centro internacional para coordenar as suas lutas, para acertar os detalhes de uma estratégia contra-ofensiva que termine com a tomada do poder: a revolução mundial.

Nós, da Liga para a Quinta Internacional, acreditamos que, se Chávez convocar uma conferência aberta a todos os que querem lutar contra o capitalismo e o imperialismo, todas as tendências e correntes revolucionárias deveriam comparecer. Mais, devem colaborar com antecedência para preparar uma intervenção revolucionária, e defender um programa de acção militante, para a independência das classes de todos os estados e por um debate sobre os nossos objectivos e estratégia revolucionária (ou seja, sobre o programa).

No entanto, não acreditamos que esteja certo, ou que seja necessário, aguardar um evento que pode nunca acontecer, ou que pode acontecer de uma forma que desacredita a própria ideia de uma Internacional. É chegada a hora de todas as forças que acreditem na necessidade de uma nova Internacional tomarem a iniciativa de convocar forças para a tarefa de criar uma nova Internacional.

Por esta razão, propomos que todas estas forças organizem uma conferência livre para discutir as questões relacionadas com a coordenada resistência global à crise e às medidas de austeridade dos governos capitalistas e a questão de por uma nova (quinta) Internacional na frente das organizações de luta em massa da classe trabalhadora de todos os países.

Esperamos ansiosamente a vossa resposta à nossa proposta.

Com saudações revolucionárias,

Dave Stockton para a Liga para a Quinta Internacional

Source URL: <https://fifthinternational.org/content/luta-por-uma-internacional-revolucionaria-hoje>